

QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO PARA SURDOS BILÍNGUES (QLSB): UMA PROPOSTA PARA A AVALIAÇÃO DE PERFIS DE BILÍNGUES DO PAR LIBRAS-PORTUGUÊS

Giselli Mara da Silva¹

Resumo: Neste artigo, apresenta-se o processo de elaboração de um questionário linguístico para surdos bilíngues do par Libras-português (QLSB). O Bilinguismo é um fenômeno complexo, que apresenta inúmeras dimensões (HAMERS; BLANC, 2000; WEI, 2013). Uma dessas dimensões, por exemplo, diz respeito à relação de equilíbrio e dominância entre as línguas do bilíngue. Considerando o Bilinguismo e a dominância como construtos multifacetados, buscou-se elaborar um questionário para avaliar o perfil linguístico de surdos bilíngues. Para a elaboração do questionário, foi feita uma ampla revisão na área para a devida delimitação do construto e operacionalização (BABBIE, 1999) e, em seguida, foram cumpridas as etapas de elaboração cf. Dörnyei (2003). O QLSB, que é um questionário on-line bilíngue, é composto por 31 itens, distribuídos em quatro módulos – história, uso, proficiência e atitudes linguísticas, tal como a proposta de Birdsong et al. (2012). O questionário pode ser usado por pesquisadores da área do Bilinguismo, bem como em outros contextos aplicados.

Palavras-chave: Bilinguismo dos Surdos. Questionário Linguístico. Libras. Português. Dominância Linguística.

Abstract: In this paper, the process of elaborating a language questionnaire for bilingual deaf people of the Libras-Portuguese pair (QLSB) is presented. Bilingualism is a complex phenomenon, which has innumerable dimensions (HAMERS; BLANC, 2000; WEI, 2013). One such dimension, for example, concerns the relation of balance and dominance among the bilingual's languages. Considering Bilingualism and dominance as multifaceted constructs, we sought to design a questionnaire to assess the linguistic profile of bilingual deaf people. For the elaboration of the questionnaire, a broad review in the area was carried out for the proper delimitation of the construct and operationalization (BABBIE, 1999), and, afterward, the stages of the elaboration were fulfilled cf. Dörnyei (2003). The QLSB, which is a bilingual online questionnaire, is composed of 31 items, distributed in four modules - history, usage, proficiency and linguistic attitudes, as proposed by Birdsong et al. (2012). The questionnaire may be used by researchers in the field of Bilingualism, as well as in other applied contexts.

Keywords: Bilingualism of the Deaf. Language questionnaire. Brazilian Sign Language. Portuguese. Language dominance.

Introdução

¹ Doutora em Estudos Linguísticos, Mestre em Educação e Graduada em Letras. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE-UFMG). gisellims@yahoo.com.br

De modo geral, os estudiosos do Bilinguismo assumem a complexidade desse fenômeno, tendo em vista a diversidade de experiências bilíngues e suas várias dimensões, sendo que muitos defendem uma perspectiva multidisciplinar ou transdisciplinar para uma aproximação mais profícua desse objeto de estudo (por exemplo, HAMERS; BLANC, 2000; WEI, 2013). Hamers e Blanc (2000) propõem que, dada a diversidade de experiências de bilinguismo, os bilíngues sejam classificados a partir de diferentes dimensões, tais como a relação de equilíbrio ou de dominância entre as duas línguas, a idade de aquisição, a identidade cultural, entre outros. Especificamente em relação à dominância linguística, nos últimos anos, vem-se discutindo como essa dimensão pode auxiliar na compreensão de fenômenos do bilinguismo, tais como o processamento da linguagem por bilíngues (BIRDSONG, 2006; TREFFERS-DALLER, 2015).

Considerando o bilinguismo como um fenômeno complexo e multifacetado e a importância da compreensão da dominância linguística, neste trabalho pretende-se focar na situação de bilinguismo vivenciada por surdos brasileiros, usuários da Libras e do português. Nos últimos anos, temos avançado bastante na compreensão do bilinguismo dos surdos, com estudos voltados a questões psicolinguísticas e sociolinguísticas no exterior (por exemplo, LUCAS, 2001; MARSCHARK; SARCHET; TRANI, 2016) e, mais timidamente, no Brasil, com estudos especialmente sobre aquisição bilíngue bimodal (por exemplo, QUADROS; CRUZ, 2011; QUADROS; PIZZIO; CRUZ; SOUSA, 2016, entre outros). Apesar desses avanços, faltam ainda pesquisas que descrevam os bilíngues surdos considerando várias dimensões de sua experiência bilíngue. Com o objetivo de contribuir então com a descrição da situação de bilinguismo dos surdos, foi proposta a construção de um questionário linguístico de forma a acessar os perfis linguísticos desses bilíngues, especialmente os perfis de dominância linguística².

Destaca-se inicialmente a importância dos estudos sobre o bilinguismo dos surdos, considerando que a compreensão sobre esse tipo de bilinguismo pode trazer importantes contribuições para os estudos do bilinguismo de maneira geral³. Soma-se a isso o fato de que este trabalho põe em foco uma situação de bilinguismo de uma minoria brasileira, que até pouco tempo não tinha reconhecida sua língua natural. Ressalta-se ainda que o questionário é uma importante ferramenta no estudo do bilinguismo, por ser um instrumento mais global e permitir

² Este trabalho é parte da pesquisa de doutorado da autora (SILVA, 2018), desenvolvida sob orientação do professor Ricardo Augusto de Souza no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG.

³ Destaca-se, por exemplo, como os estudos do bilinguismo intermodal podem iluminar questões relativas ao processamento da linguagem humana (EMMOREY; GIEZEN; GOLLAN, 2016, entre outros).

a consideração de fatores variados (GROSJEAN, 1998; GERTKEN et al., 2014). Nos casos de populações para as quais há poucos testes objetivos, como é o caso da comunidade surda brasileira, esses instrumentos adquirem ainda mais importância, como argumentam Lim, Liow, Lincoln, Chan e Onslo (2008), num estudo com bilíngues do par inglês-mandarim. Para estudos com bilíngues surdos, os questionários têm sido utilizados em pesquisas psicolinguísticas, sociolinguísticas assim como para propósitos educacionais, como é o caso do *Language and Communication Background Questionnaire – LCBQ*, usado inicialmente no *Rochester Institute of Technology* (EUA) para avaliar os alunos ingressantes, vem sendo usado também em pesquisas para perfilar sujeitos (por exemplo, MARSCHARK; SARCHET; TRANI, 2016).

Considerando o exposto, passamos agora à apresentação do processo de elaboração do Questionário Linguístico para Surdos Bilíngues (QLSB). Para tanto, dividimos este artigo em duas partes principais: (i) a revisão da literatura na área de Bilinguismo e Bilinguismo dos Surdos; (ii) a descrição das etapas de elaboração do questionário seguida de sua apresentação.

Bilinguismo dos Surdos

O bilinguismo dos surdos é um tipo de bilinguismo de minoria em que os surdos geralmente adquirem e usam a língua de sinais (LS) da comunidade surda local e a língua majoritária (GROSJEAN, 2008). Esse tipo de bilinguismo se diferencia de outras situações de bilinguismo, sendo que, neste trabalho, destacamos as condições de acesso e de aquisição das línguas, os padrões de uso das duas línguas e das modalidades envolvidas e as especificidades relativas às atitudes linguísticas, como descreveremos nesta seção.

Acesso e exposição às línguas

A maioria das pessoas surdas nasce em lares ouvintes, e, ao contrário dos surdos filhos de pais surdos que podem adquirir a LS como língua materna, essa maioria depende de medidas apropriadas que possibilitem o contato com a LS. Disso decorre uma das principais diferenças dos surdos em relação a outros bilíngues: a altíssima variação na idade de aquisição da L1, sendo encontrados surdos nativos da LS, surdos com aquisição precoce da LS e outros que adquiriram LS tardiamente, na adolescência ou na idade adulta (BOUDREAULT; MAYBERRY, 2006; MAYBERRY, 2007; QUADROS; CRUZ, 2011). Dada a altíssima variedade de perfis dos surdos, há que se considerar também a possibilidade de se encontrarem

peessoas surdas para quem a LS é uma segunda língua. Esses aprendizes, devido às maiores possibilidades de imersão na comunidade surda, podem atingir níveis mais altos de proficiência do que seus pares ouvintes (MAYBERRY, 2006). Assim como ocorre com a idade, os contextos de exposição à língua são altamente variados também, encontrando-se surdos que adquiriram a LS em casa, com a família; surdos que adquiriram por meio de intervenções educacionais; e surdos que a adquiriram em contextos variados.

No que tange às questões biológicas que cercam a surdez, destacam-se a idade de ocorrência e o grau da perda auditiva, devido à relação com as (im)possibilidades de aquisição da LO na infância. Os surdos são classificados em: (i) surdos pré-linguais, que apresentam perda auditiva no período pré-natal ou antes do desenvolvimento da linguagem; (ii) surdos pós-linguais, que apresentam perda auditiva depois de 3 ou 4 anos de idade, tendo tido algum acesso à fala (NORTHERN; DOWNS, 2005 *apud* PASSOS, 2009). No tocante aos graus de perda auditiva, geralmente os níveis de audição são classificados em: surdez leve (de 15 a 30 decibéis), surdez moderada (de 31 a 50 dB), surdez severa (de 50 a 70 dB) e profunda (acima e 71 dB) (NORTHERN; DOWNS, 2005 *apud* PASSOS, 2009, p.20). Essas características biológicas da surdez, juntamente com outros aspectos como o acesso a serviços de saúde, de educação, etc., influenciam os níveis de proficiência dos surdos na produção e na percepção da fala. Perdas em grau severo, severo-profundo ou profundo dificultam a percepção da fala, sendo que surdos com perda de grau leve, leve-moderada ou moderada (usuárias ou não de dispositivos auditivos) têm a possibilidade de detectarem e discriminarem sons da fala e, conseqüentemente, adquirirem o português oral (CRUZ, 2016).

De modo geral, no tocante às condições de acesso e aquisição da língua majoritária, os níveis de proficiência e idades de aquisição são também bastante diversificados. No caso da língua majoritária falada, a exposição vai depender do nível de acesso ao sinal da fala, o que está relacionado ao grau de surdez (como apontamos acima) e ao uso de aparelhos de amplificação ou ao uso de implante coclear. O aprendizado efetivo da fala então para muitos surdos vai se iniciar somente com o tratamento fonoaudiológico e sofrerá influência de variados fatores, tais como idade de diagnóstico e de início do tratamento, tipo e grau de surdez, tempo de duração do tratamento, etc. (DELGADO-PINHEIRO; ANTONIO; BERTI, 2010). Em relação à língua escrita, o desenvolvimento das habilidades vai depender também de inúmeros fatores, inclusive das condições de aquisição de um L1 na infância que vai ter impacto na aquisição de todas as línguas subsequentes (MAYBERRY, 2007). Uma importante questão é o tipo de escola frequentada pelo surdo e a aprendizagem da língua escrita: ambientes

educacionais bilíngues, onde surdos têm contato com outros surdos, a Libras é a principal língua de instrução, e o português é ensinado como L2 têm impacto positivo no desenvolvimento da leitura e da escrita (CAPOVILLA, 2008; SILVA, 2016).

Modalidades linguísticas, perfis de uso e de proficiência linguística

Grosjean (2008) destaca, como uma das características específicas do bilinguismo dos surdos, a complexidade dos padrões de uso e conhecimento das línguas pelos bilíngues surdos. Inicialmente, é importante destacar que os surdos lidam com duas línguas - LS e LO (no caso do Brasil, Libras e português), que apresentam diferentes modalidades – sinais, fala e escrita. No que tange à LS, os surdos sinalizam e compreendem as sinalizações, além de poderem usar a LS escrita, dado o desenvolvimento recente de um sistema de escrita, chamado SignWriting (SW). Já no caso da língua falada majoritária, os surdos em geral aprendem a ler e escrever por meio de instrução, podendo também, via tratamento fonoaudiológico, aprender a falar e a ler os lábios. Esses bilíngues também podem usar sistemas de representação manual da língua falada, o que dá origem a versões sinalizadas das línguas majoritárias.

Além disso, os bilíngues surdos vão apresentar diferentes comportamentos de uso das línguas e das mesclas linguísticas conforme as situações comunicativas. Conforme explicam Andrews e Rusher (2010), a respeito do contexto americano, surdos adultos e jovens se movimentam ao longo de um contínuo que vai de uma língua de sinais americana (ASL) “pura” ou a uma mescla de ASL com o inglês, ou de um inglês “puro” a uma mescla do inglês com a ASL, dependendo de três principais fatores: (i) o interlocutor, (ii) o tema da interação e (iii) suas histórias linguísticas e educacionais. Conforme explicam esses autores, os surdos “alternam, mesclam ou sobrepõem [as línguas] com o objetivo de acomodar a comunicação e as necessidades linguísticas de seus parceiros conversacionais” (ANDREWS; RUSHER, 2010, p.409)⁴.

Assim, esses bilíngues, a depender de sua história linguística (como apresentamos na seção anterior) e de suas necessidades de comunicação, podem desenvolver diferentes níveis de proficiência nessas duas línguas e nas três modalidades (sinais, fala e escrita), bem como também podem desenvolver, como parte de seu repertório linguístico, o conhecimento e o uso de diferentes tipos de mesclas linguísticas.

⁴ “They codeswitch, code-mix, and code-blend frequently in order to accommodate the communication and language needs of their conversational partners” (ANDREWS; RUSHER, 2010, p.409)

Buscando explicar a função das línguas para os bilíngues, Grosjean propôs o “princípio da complementaridade”, em que se estabelece que os bilíngues usam suas línguas para diferentes propósitos, em diferentes domínios e com diferentes pessoas (GROSJEAN, 2008, p.23). Esse autor afirma que esse Princípio também se aplica para os bilíngues surdos. Apesar de tal questão carecer ainda de mais estudos⁵, podemos fazer um exercício de reflexão sobre os usos das línguas pelos bilíngues surdos e algumas especificidades desses bilíngues. Como propõe o Princípio da Complementaridade, os surdos usam suas línguas conforme variados aspectos situacionais: eles podem, por exemplo, usar a LS em casa com seu cônjuge ou filhos e também com amigos surdos, e usar o português no ambiente de trabalho. Nessa proposta, podemos encontrar surdos que tem uma língua dominante para um domínio específico (nesse exemplo, a Libras seria a língua dominante no domínio *família*), e surdos que apresentam uma dominância mais global em termos de número de domínios de uso (por exemplo, a Libras seria usada em mais domínios do que o português). Porém, é importante ressaltar que há outros aspectos que influenciam o uso das línguas por esses bilíngues – a saber, as possibilidades de desenvolvimento e uso da oralidade e da leitura labial, bem como as possibilidades de uso da língua escrita, já que somente recentemente a LS começou a ser registrada via SW, e ainda é muito pouco o uso social desse tipo de registro. Somam-se a essas questões as possibilidades de uso das novas tecnologias que permitem interações on-line em português e em Libras e registros em vídeo de textos em Libras⁶.

Atitudes linguísticas

Nos estudos sobre o bilinguismo e sobre dominância linguística, tem-se voltado a atenção a aspectos psicossociais importantes na descrição dos bilíngues. Em estudos sobre perfis linguísticos de bilíngues envolvendo questionários, a identificação cultural é um item que aparece com relativa frequência (ver, por exemplo, GERTKEN et al., 2014; MARIAN et al., 2007). No caso de minorias, fatores psicossociais como a identidade ganham ainda maior importância, tendo em vista as relações estabelecidas entre esses grupos e os falantes de línguas majoritárias, bem como as atitudes frente a essas línguas e seus falantes. No caso dos surdos, a LS é considerada como o símbolo por excelência da comunidade surda, e seu uso, juntamente

⁵ Um dos objetivos da pesquisa de doutorado (SILVA, 2018) que deu origem a este artigo é investigar se o Princípio da Complementaridade realmente se aplica a esse tipo de bilinguismo.

⁶ Ver, por exemplo, a proposta de Marques e Oliveira (2012).

com a perda auditiva, marca o pertencimento a essa comunidade (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2001; PLAZA-PUST, 2012). Conforme explicam Burns, Matthews e Nolan-Conroy (2001), a relação entre língua e identidade nas comunidades surdas é mais forte, porque, diferentemente de outros grupos, a manutenção do uso da LS é determinante para a manutenção dessas comunidades que, a despeito da falta de políticas de difusão e manutenção, continuam a usar a LS ao longo do tempo.

No caso das minorias linguísticas, pode haver uma cisão entre as funções comunicativa e simbólica da linguagem, sendo que tais grupos precisam “viver e trabalhar” numa língua que não é veículo de sua cultura (EDWARDS, 2013). Tal cisão pode ocorrer também para a comunidade surda que vai precisar lidar cotidianamente com o português em várias esferas de sua vida (trabalho, escola, etc.), o que vai influenciar também a motivação (ver, por exemplo, DÖRNYEI; CSIZÉR; NÉMETH, 2006) para aprender uma L2, podendo levar a atitudes mais ou menos positivas em relação à língua majoritária e a seus falantes e/ ou a um reconhecimento mais intenso da dimensão pragmática da proficiência em L2.

Dominância linguística

Assim como outros bilíngues, os surdos podem desenvolver assimetrias em relação aos usos e níveis de proficiência nas suas duas línguas, ou seja, os surdos podem ser dominantes em uma das línguas. Como explica Treffers-Daller (2015), apesar de atualmente se reconhecer que a dominância em uma das línguas é a realidade para a maioria dos bilíngues, não há um consenso a respeito do conceito de dominância linguística, sendo que as definições fazem referência à proficiência e/ ou ao uso das línguas, ou ainda se encontram propostas que admitem a natureza global e multifacetada da dominância linguística. No caso dos estudos com surdos, é comum encontrarmos trabalhos que tratam a dominância linguística de forma dicotômica, considerando que os surdos são dominantes em LS, e os ouvintes, em LO (EMMOREY et al., 2008; EMMOREY et al., 2013). Há trabalhos também que operacionalizam a dominância como proficiência relativa (KUSHALNAGAR; HANNAY; HERNÁNDEZ, 2010) ou avaliam a dominância em termos da avaliação de um componente linguístico, como, por exemplo, o léxico (KLATTER-FOLMER; VAN HOUT; KOLEN; VERHOEVEN, 2006).

Conforme a proposta de Grosjean (2008), se as habilidades nas duas línguas das pessoas surdas forem avaliadas considerando as três modalidades – fala, escrita e sinais, podemos encontrar grande diversidade e, conseqüentemente, diferentes perfis de dominância linguística

global. Podemos encontrar, por exemplo, surdos que apresentam habilidades altamente desenvolvidas na produção e percepção de sinais nas modalidades sinalizada e escrita, sendo dominantes na LS. Ou ainda, poderíamos encontrar surdos dominantes na LO, tendo habilidades mais desenvolvidas na escrita, seguida pela oralidade na língua majoritária, e habilidades pouco desenvolvidas na LS, e sem nenhum conhecimento da escrita desta última.

Neste trabalho, nos alinhamos com a proposta de Grosjean (2008) e com propostas que questionam a diversidade de perfis de bilíngues surdos e apontam a dominância linguística como um fator a se considerar na compreensão do bilinguismo intermodal (PLAZA-PUST, 2014; TANG, 2016). Compreendemos também a dominância linguística como um construto global e multifacetado conforme as propostas de Gertken et al. (2014), Treffers-Daller e Korybski (2015) entre outros. Gertken et al. (2014) concebem a dominância como um construto global que é informado por fatores relacionados: (i) ao conhecimento, destacando que competência e representação oferecem informações importantes; (ii) ao processamento, sendo que se apontam aspectos relativos às habilidades de processamento numa língua em relação à outra, ao nível mais automático de ativação de uma das línguas do bilíngue, entre outros; e (iii) a aspectos atitudinais.

Desenvolvimento de questionários linguísticos

Conforme Dörnyei (2003), questionários, depois de testes de proficiência, são o recurso mais utilizado em pesquisas em L2 e oferecem inúmeras vantagens em seu uso, tal como a possibilidade de obter um montante significativo de dados em pouco tempo e com custos baixos. No campo da Psicolinguística do Bilinguismo, o uso de questionários permite o acesso a informações importantes para o delineamento do perfil dos participantes, bem como oferece a vantagem de acessar determinados fatores não-linguísticos, como os aspectos atitudinais, etc. (GROSJEAN, 1998; GERTKEN et al., 2014; LIM et al., 2008). Porém, por depender da autoavaliação do respondente e da disposição de fornecer seus dados, os questionários também são constantemente criticados, especialmente no que tange à capacidade do bilíngue de avaliar suas habilidades nas línguas. No entanto, vários pesquisadores, por meio da revisão de trabalhos anteriores como também da validação de seus próprios questionários (GERTKEN et al., 2014; LIM et al., 2008; MARIAN et al., 2007) têm argumentado a favor da visão de que os bilíngues são aptos a avaliar suas habilidades linguísticas.

Para que os questionários possam se tornar ferramentas efetivas que permitam o acesso a dados confiáveis, é necessário rigor na sua elaboração, considerando as qualidades psicométricas (DÖRNYEI, 2003). Conforme Aderson e Banerjee (2002 *apud* GERTKEN et al., 2014), o primeiro passo para criar um teste linguístico é especificar o construto sob investigação. Conforme explica Babbie (1999), os pesquisadores lidam com conceitos abstratos que, no caso de pesquisas de *survey*, precisarão ser convertidos em perguntas num questionário, de forma a viabilizar a coleta de dados. Esse processo de converter os conceitos em perguntas não é simples, pois, além da diversidade de conceitos, esses precisam ser especificados, para que se possa chegar a indicadores empíricos específicos, ou seja, os conceitos precisam ser operacionalizados. Em geral, conforme explica Babbie (1999), vários conceitos da área das ciências sociais apresentam “riqueza de significado”, ou seja, apresentam nuances sutis e são mais difíceis de se especificarem para as definições operacionais, sendo que o autor sugere que, para se garantir a representação do construto, devem-se medir as várias dimensões dele. No caso deste estudo, os construtos bilinguismo e dominância linguística, como já se indicou, são construtos multifacetados. A etapa de especificar o construto é feita geralmente a partir da revisão de estudos na área ou mesmo da avaliação de outros instrumentos. No planejamento desta etapa da pesquisa, além da revisão bibliográfica feita sobre bilinguismo e dominância linguística, foram analisados alguns questionários linguísticos voltados à descrição de bilíngues (FERNÁNDEZ, 2003; LIM et al., 2008; MARIAN et al., 2007; BIRDSONG et al., 2012), dentre os quais destacamos o questionário *Bilingual Language Profile* (BLP)⁷ de Birdsong et al. (2012), no qual nos baseamos a fim de contemplar diferentes dimensões do bilinguismo e da dominância linguística.

De maneira geral, os questionários voltados para bilíngues de línguas orais não parecem ser facilmente adaptáveis à população surda, devido à situação sociolinguística vivenciada por esse grupo. Assim, foram pesquisados questionários linguísticos para surdos, sendo que, na etapa inicial de elaboração do QLSB, foi encontrado um artigo de Metz, Caccamise e Gustafson (1997), que trata da validação de uma nova versão do Questionário de Experiência Linguística (*Language Background Questionnaire*). A versão apresentada no artigo está em inglês e é bastante curta, com 6 questões avaliando os seguintes aspectos: (1) forma de comunicação preferida (sinais, fala ou sinais e fala simultaneamente); (2) habilidades de sinalização; (3) habilidades de fala; (4) condição auditiva dos pais; (5) período de ocorrência da surdez; (6) ocorrência de piora da perda auditiva depois dos 7 anos. Como se pode observar, o questionário

⁷ O BLP está disponível em <https://sites.la.utexas.edu/bilingual/>. Acesso em: 13 de junho de 2018.

visa a uma avaliação geral do histórico linguístico dos estudantes surdos. O artigo de Metz et al. (1997) conclui apontando um alto nível de congruência entre as habilidades autodeclaradas pelos respondentes e as medidas formais de avaliação das habilidades usadas no estudo, o que também é apontado em relação ao LCBQ (MARSCHARK; SARCHET; TRANI, 2016). Num momento posterior da pesquisa, tivemos acesso a outros questionários, como o questionário do Inventário Nacional de Libras, fruto de uma parceria entre o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Políticas Linguísticas (IPOL), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)⁸, cujo objetivo é levantar dados sobre os usuários da língua no Brasil.

Características gerais do QLSB e elaboração dos itens

Após a revisão bibliográfica e delimitação do construto, seguem-se as demais etapas de preparação do questionário. Dörnyei (2003) sugere os seguintes passos:

- Decidir sobre características gerais do questionário, tais como a duração, o formato e as partes principais.
- Escrever itens/ perguntas eficazes e elaborar um conjunto de itens.
- Selecionar e sequenciar os itens.
- Escrever instruções e exemplos apropriados.
- Pilotar o questionário e realizar a análise de item. (DÖRNYEI, 2003, p.16-7)⁹

Em relação à primeira etapa indicada por Dörnyei (2003) – *decidir sobre características gerais*, optamos por um questionário *on-line*, dada a possibilidade de se alcançar um público maior de pessoas surdas, inclusive em diferentes regiões do Brasil. Wilson e Dewaele (2010) discutem sobre a questão da amostragem em questionários *on-line* e concluem que, ainda que a auto-seleção possa trazer implicações na possibilidade de generalização a partir de dados dos questionários *on-line*¹⁰, esses questionários trazem inúmeras vantagens em termos de alcance a um grande público, e é importante se conscientizar dos perfis de respondentes mais comuns.

⁸ Informações disponíveis em: <http://e-ipol.org/inventario-libras/>. Acesso em: 22 de novembro de 2017.

⁹ “- Deciding on the general features of the questionnaire, such as the length, the format, and the main parts.- Writing effective items/questions and drawing up an item pool. - Selecting and sequencing the items. - Writing appropriate instructions and examples. - Piloting the questionnaire and conducting item analysis.”(DÖRNYEI, 2003, p.16-7)

¹⁰ Conforme revisão de Wilson e Dewaele (2010), o uso da internet para a aplicação de questionários torna impossível aplicar estratégias mais sistemáticas de amostragem, sendo que a auto-seleção pode levar a um perfil de participantes com status socioeconômico acima da média da população, com mais altos graus de instrução e com acesso ao uso das tecnologias e da internet. Com isso, essas amostras não são representativas da população

Outro passo importantíssimo foi a escolha da língua a ser utilizada no questionário. Inicialmente, tivemos acesso a um modelo de questionário (ROGERS et al., 2013), em que cada item em LS é visualizado na página, sem legenda em inglês, para garantir a confiabilidade do instrumento em Língua de Sinais Britânica (BSL, *British Sign Language*), e as opções são escritas utilizando-se geralmente uma palavra em inglês (*never, rarely, sometimes, often, mostly/ always*). Porém, no caso do QLSB, não seria possível construir opções simples, compostas de uma ou duas palavras. Além disso, justamente por serem sujeitos bilíngues, muitos indivíduos surdos no cotidiano podem escolher usar uma ou outra língua, especialmente considerando como as funcionalidades do suporte atendem às duas línguas. Considerando informações sobre a elaboração do questionário do Inventário Nacional de Libras¹¹, bem como as questões relativas a funcionalidade da plataforma onde seria hospedado o questionário e ainda a questão relativa ao processamento na leitura de vídeos em Libras (KRUSSE, 2017), optamos por um questionário bilíngue, cujos itens são veiculados por meio de vídeos em Libras seguidos da versão do item em português (ver Figura 1).

Após a definição de algumas características do questionário, partimos para os próximos passos propostos por Dörnyei (2003) – *elaborar um conjunto de itens e selecionar e sequenciar os itens*. Essa fase foi informada, como já dissemos, pela revisão bibliográfica realizada, como também pelos dados obtidos por meio de um trabalho-piloto com entrevistas semi-estruturadas com surdos (SILVA, 2017). Inicialmente, buscamos criar vários itens conforme os módulos propostos no BLP (BIRDSONG et al., 2012) e depois procedemos à revisão e à escolha dos itens mais efetivos para operacionalizar os construtos sob investigação. Em relação à etapa de *escrever instruções e exemplos apropriados* (DÖRNYEI, 2003), elaboramos vídeos voltados para a introdução de cada módulo do questionário, explicando o tema, bem como o tipo de questão predominante. etc.

Inicialmente fizemos uma versão do questionário em português, dada a possibilidade de interação e discussão com os membros do Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da UFMG, para depois construir uma versão do questionário em Libras. A versão do questionário em Libras foi construída em duas etapas¹²: (i) inicialmente foi feita uma tradução, com o apoio da autora deste trabalho, por uma tradutora e intérprete de Libras-português; (ii)

como um todo. Tais questões podem afetar, então, o poder de generalização das pesquisas. Porém, há estratégias para “driblar” a questão da auto-seleção, conforme explicam esses autores.

¹¹ Consideramos as informações oferecidas pela professora Ronice Quadros, na ocasião da banca de qualificação da tese de doutorado (SILVA, 2018), sobre o processo de elaboração deste questionário.

¹² Gostaria de agradecer nominalmente à tradutora/ intérprete Sônia Romeiro e ao professor Rodrigo Ferreira pelo trabalho conjunto.

em seguida, esta primeira versão em Libras serviu de referência para a construção da segunda versão, que foi elaborada, em conjunto com a autora deste trabalho, por um professor surdo. Essa metodologia de trabalho foi escolhida buscando se aproximar ao máximo do uso mais natural da LS. Além disso, a sinalização por uma pessoa surda poderia potencializar a adesão dos respondentes provocando certo nível de identificação.

Essa versão do questionário em Libras continha 36 itens e 4 vídeos introdutórios como orientações de navegação. Num primeiro teste, constatou-se que o tempo médio de navegação e resposta estava em torno de 43 minutos, excedendo bastante a sugestão de Dörnyei (2003, p.132) de que a realização dos questionários não ultrapasse 30 minutos para não desanimar os respondentes. Sendo assim, tivemos que analisar os itens e eliminar os menos informativos, reduzindo o QLSB para 31 itens.

A partir desta última versão, foi realizada a análise semântica dos itens em Libras, que é um tipo de análise teórica que visa verificar se os itens são inteligíveis para sujeitos da própria população a quem se destina o instrumento psicométrico, especialmente o estrato mais baixo da população (PASQUALI, 2003). No caso desta pesquisa, o estrato mais baixo são pessoas com ensino fundamental completo, logo, a análise semântica foi realizada com 3 pessoas surdas usuárias de Libras desse nível de escolaridade. Optamos por um procedimento sugerido por Pasquali (2003), no qual os itens são apresentados um a um aos participantes, e esses são solicitados a reproduzi-los com as próprias palavras. Fizemos sessões individuais em Libras e, quando 2 ou 3 participantes não compreendiam adequadamente os itens, optamos por revisá-los.

Questionário Linguístico para Surdos Bilingues (QLSB)

O QLSB é um instrumento por meio do qual se pretende avaliar o perfil linguístico de surdos brasileiros, especialmente os perfis de dominância linguística. Abaixo apresentamos uma imagem do questionário na plataforma *Google Forms*, bem como a versão do QLSB em português. A versão final do QLSB, com itens em Libras e português está disponível no seguinte link <https://goo.gl/forms/XzyTBwrPb9MqNLIN2>.

PERGUNTA 1



1) Seu pai e sua mãe são surdos ou ouvintes? *

- a) Os dois são surdos.
- b) Os dois são ouvintes.
- c) Um é surdo, e o outro é ouvinte.

Figura 1 - Imagem do QLSB - item 1

Fonte: Elaborado pela autora

QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO PARA SURDOS BILÍNGUES (QLSB)
Dados pessoais
Escrever abaixo seus dados pessoais (nome, idade, etc.)
- Nome completo:
- Idade: - Você é homem ou mulher? () homem () mulher
- Nome do estado onde você mora: - Nome da cidade onde você mora:
- E-mail:
- Marcar sua escolaridade:
() Ensino Fundamental – de 1ª a 4ª série () Ensino Fundamental – de 5ª a 8ª série
() Ensino Médio (2º grau) () Ensino Superior (Faculdade)
() Pós-graduação – especialização () Mestrado () Doutorado
- Profissão: () Professor de Libras () Instrutor de Libras () Outros
- Onde você trabalha?
MÓDULO 1 – HISTÓRIA LINGUÍSTICA
ORIENTAÇÃO: As perguntas deste módulo estão relacionadas a sua história de vida.
1. Seu pai e sua mãe são surdos ou ouvintes? Marque uma opção. a) Os dois são surdos. b) Os dois são ouvintes. c) Um é surdo, e o outro é ouvinte.
2. Você começou a ter contato com surdos e com a Libras em qual idade?
3. Onde e como você aprendeu Libras? Marque o que você considera como principal contexto de aquisição. a) Em casa, no contato com familiares surdos.

- b) Na escola, com colegas e professores surdos.
 - c) Na escola, com colegas surdos.
 - d) Fora da escola, em projetos de educação bilíngue para crianças surdas.
 - e) No contato com surdos em associações, federações, etc.
 - f) Em cursos de Libras.
 - g) Outros.
- 4.** Há quantos anos você tem contato constante com a comunidade surda usuária da Libras? Escrever o número de anos. Exemplo: 5 anos/ 7 anos.
- 5.** Nos primeiros anos do Ensino Fundamental- de 1ª a 4ª série, você estudou em que tipo de escola? Escolher uma opção que melhor descreve sua situação.
- a) Numa escola especial para surdos.
 - b) Numa escola especial para crianças com deficiência.
 - c) Numa escola comum com intérprete de Libras, com muitos alunos surdos.
 - d) Numa escola comum com intérprete de Libras, onde você era o único surdo.
 - e) Numa escola comum sem intérprete de Libras, onde você era o único surdo.
 - f) Outros.
- 6.** Em que idade você ficou surdo? Se você nasceu surdo, escrever 0.
- 7.** Conforme testes de audiometria, indique seu grau de perda auditiva (grau de surdez) no ouvido esquerdo.
- a) Leve
 - b) Moderada
 - c) Severa
 - d) Profunda
- 8.** Conforme testes de audiometria, indique seu grau de perda auditiva (grau de surdez), no ouvido direito.
- a) Leve
 - b) Moderada
 - c) Severa
 - d) Profunda
- 9.** Você usa aparelho auditivo todos os dias?
- a) Sim
 - b) Não
- 10.** Você tem implante coclear?
- a) Sim
 - b) Não
- 11.** Por quanto tempo você frequentou o atendimento fonoaudiológico? Escrever o número de anos ou meses.

MÓDULO 2 – USO DA LIBRAS E DO PORTUGUÊS

ORIENTAÇÃO: Nas próximas questões, você vai indicar como você costuma se comunicar.

- 12.** Como você costuma se comunicar com sua família – pais e irmãos? Marcar a opção principal.
- a) Você somente sinaliza.
 - b) Você somente fala.
 - c) Você sinaliza e fala ao mesmo tempo.
 - d) Outro.
- 13.** Como as pessoas da sua família – pais e irmãos – costumam se comunicar com você? Marcar a opção principal.
- a) Eles somente sinalizam.
 - b) Eles somente falam português.
 - c) Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.
 - d) Outro.
- 14.** Você é casado(a) ou tem companheiro(a)?
- a) Você não é casado(a) nem tem companheiro(a).
 - b) Seu(sua) esposo(a) ou companheiro(a) é uma pessoa surda, usuária da Libras.
 - c) Seu(sua) esposo(a) ou companheiro(a) é uma pessoa ouvinte, usuária da Libras.
 - d) Seu(sua) esposo(a) ou companheiro(a) é uma pessoa que não sabe Libras.
- 15.** Como você costuma se comunicar com sua família – companheiro(a) e filhos?

- a) Você não é casado(a) nem tem companheiro(a).
 - b) Você somente sinaliza.
 - c) Você somente fala.
 - d) Você sinaliza e fala ao mesmo tempo.
- 16.** Como as pessoas da sua família – companheiro(a) e/ ou filhos – costumam se comunicar com você?
- e) Você não é casado(a) nem tem companheiro(a).
 - a) Eles somente sinalizam.
 - b) Eles somente falam português.
 - c) Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.
- 17.** No seu trabalho, como você costuma se comunicar com as pessoas?
- a) Agora você não tem trabalho.
 - b) Você somente sinaliza.
 - c) Você somente fala.
 - d) Você sinaliza e fala ao mesmo tempo.
 - e) Você escreve.
 - f) Outro.
- 18.** Como as pessoas do seu trabalho costumam se comunicar com você? Marque a opção principal.
- a) Agora você não tem trabalho.
 - b) Eles somente sinalizam.
 - c) Eles somente falam português.
 - d) Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.
 - e) Eles escrevem em português.
- 19.** Como você costuma se comunicar com seus amigos surdos? Marque a opção principal.
- a) Você somente sinaliza.
 - b) Você somente fala português.
 - c) Você sinaliza e fala ao mesmo tempo.
 - d) Outro.
- 20.** Como seus amigos surdos costumam se comunicar com você? Marque a opção principal.
- a) Eles somente sinalizam.
 - b) Eles somente falam português.
 - c) Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.
 - d) Outro.
- 21.** Como você costuma se comunicar com seus amigos ouvintes? Marque a opção principal.
- a) Você somente sinaliza.
 - b) Você somente fala.
 - c) Você sinaliza e fala ao mesmo tempo.
 - d) Outro.
- 22.** Como seus amigos ouvintes costumam se comunicar com você? Marque a opção principal.
- a) Eles somente sinalizam.
 - b) Eles somente falam português.
 - c) Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.
 - d) Outro.
- 23.** Abaixo há uma lista com várias atividades de leitura e escrita em português. Marque as atividades que você tem o costume de fazer sempre na semana. Atenção: Você pode marcar várias atividades (1, 2, 3 ou mais), desde que realize a atividade semanalmente.
- a) Ler e escrever e-mails para amigos.
 - b) Ler sites e blogs sobre os surdos e a Libras.
 - c) Ler histórias em quadrinhos.
 - d) Ler jornais ou revistas impressos.
 - e) Ler e escrever e-mails de trabalho mais formais.
 - f) Ler livros baseados em histórias reais.
 - g) Ler livros literários.

MÓDULO 3 – PROFICIÊNCIA LINGUÍSTICA

ORIENTAÇÃO: Nas perguntas desta seção, você vai se auto-avaliar, considerando suas habilidades de uso da Libras e do português.

outros instrumentos, tais como testes linguísticos, para que a proficiência e outras dimensões da experiência bilíngue dos surdos possam ser avaliadas de forma refinada, servindo para o cotejamento com as avaliações de instrumentos globais como o QLSB.

Referências

ANDREWS, J. F.; RUSHER, M. Codeswitching Techniques: evidence-based instructional practices for the ASL/English Bilingual classroom. *American Annals of the Deaf*, vol.155, n.4, p.407-424, 2010.

LUCAS, C. (ed.) *The Sociolinguistics of Deaf Communities*. New York: Cambridge University Press, 2001. p.33-60.

BABBIE, E. *Métodos de Pesquisas de Survey*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BIRDSONG, D. Dominance, proficiency, and second language grammatical processing. *Applied Psycholinguistics*, n.27, p.46-49, 2006.

BIRDSONG, D.; GERTKEN, L.M.; AMENGUAL, M. *Bilingual Language Profile: An Easy-to-Use Instrument to Assess Bilingualism*. COERLL, University of Texas at Austin. Web. 20 Jan. 2012. <<https://sites.la.utexas.edu/bilingual/>>.

BOUDREAULT, P.; MAYBERRY, R. I. Grammatical processing in American Sign Language: Age of first-language acquisition effects in relation to syntactic structure. *Language and Cognitive Processes*, v. 21, n. 5, p. 608–635, 2006.

BURNS,S; MATTHEWS, P.;NOLAN-CONROY, E. Language attitudes. In: LUCAS, C. (ed.) *The Sociolinguistics of Deaf Communities*. New York: Cambridge University Press, 2001, p. 181-215.

CAPOVILLA, F. C. Principais achados e implicações do maior programa do mundo em avaliação do desenvolvimento de competências linguísticas de surdos. In: SENNYEY, A. L.; CAPOVILLA, F. C.; MONTIEL, J. M. (Org.), *Transtornos de aprendizagem: da avaliação à reabilitação*. São Paulo, SP: Artes Médicas, 2008, p. 151-163.

CRUZ, C. R. Consciência fonológica na Língua de Sinais Brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (Libras) precoce ou tardio. 2016. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

DELGADO-PINHEIRO, E. M. C.; ANTONIO, F. de L.; BERTI, L. C. Perfil audiológico e habilidades auditivas em crianças e adolescentes com perda auditiva. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 39 (1): p. 10-20, mai.-ago. 2010.

DÖRNYEI, Z. *Questionnaires in second language research*. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2003.

DÖRNYEI, Z.; CSIZÉR, K.; NÉMETH, N. Background Information and Theory. In: DÖRNYEI, Z.; CSIZÉR, K.; NÉMETH, N. *Motivation, Language Attitudes and Globalisation: A Hungarian Perspective*. Clevedon, England: Multilingual Matters, 2006, cap. 1, p.1-21.

EDWARDS, J. Bilingualism and Multilingualism: Some Central Concepts. In: BHATIA, T.; RITCHIE, W. (Eds.). *The Handbook of Bilingualism*. 2nd Edition. Malden, MA: Willey-Blackwell, 2013, p. 5-25.

EMMOREY, K.; BORINSTEIN, H. B.; THOMPSON, R.; GOLLAN, T. H. Bimodal bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition*, vol. 11, n. 01, p. 43 – 61, mar. 2008.

EMMOREY, K.; GIEZEN, M. R. ; GOLLAN, T. H. Psycholinguistic, cognitive, and neural implications of bimodal bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition*, vol. 19, n. 2, p.233-242, mar. 2016.

EMMOREY, K.; PETRICH, J. A. F.; GOLLAN, T. H. Bimodal Bilingualism and the Frequency-Lag Hypothesis. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, vol.18, n. 01, p.1-11, jan. 2013.

FERNÁNDEZ, E. M. *Bilingual sentence processing: Relative clause attachment in English and Spanish*. Amsterdam, NL: John Benjamins, 2003.

GERTKEN, L. M.; AMENGUAL, M.; BIRDSONG, D. Assessing language dominance with the bilingual language profile. In: LECLERCQ, P.; EDMONDS, A.; HILTON, H. (org.) *Measuring L2 Proficiency: Perspectives from Second Language Acquisition*. Bristol, UK/Towanda, NY: Multilingual Matters, 2014, p.208-225.

GROSJEAN, F. Studying bilinguals: metodological and conceptual issues. *Bilingualism: Language and Cognition*, v.1, n. 2, p. 131-149, 1998.

GROSJEAN, F. *Studying Bilinguals*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 2008.

HAMERS, J.F.; BLANC, M.H.A. *Bilinguality & Bilingualism*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KLATTER-FOLMER, J.; VAN HOUT, R.; KOLEN, E.; VERHOEVEN, L. Language Development in Deaf Children's Interactions with Deaf and Hearing Adults: A Dutch Longitudinal Study. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 11, n. 2, p. 238-251, 2006.

KRUSSER, R. da S. *Design Editorial Na Tradução de Português para Libras*. 2017. 410 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

KUSHALNAGAR P.; HANNAY H. J.; HERNANDEZ A. E. Bilingualism and attention: a study of balanced and unbalanced bilingual deaf users of American Sign Language and English. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 15, n. 3, p. 263–273, 2010.

LIM, V. P. C.; LIOW, S. J. R.; LINCOLN, M.; CHAN, Y. H.; ONSLO, M. Determining language dominance in English–Mandarin bilinguals: Development of a self-report classification tool for clinical use. *Applied Psycholinguistics*, 29, 389–412, 2008.

MARIAN, V.; BLUMENFELD, H.; KAUSSHANSKAYA, M. The Language Experience and Proficiency Questionnaire (LEAP-Q): Assessing language profiles in bilinguals and multilinguals. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, vol. 50, n.4, p.940-967, 2007.

MARQUES, R. R. ; OLIVEIRA, J. S. A Normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores. In: *III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução & Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, 2012, Florianópolis. Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução & Interpretação de Libras, 2012.

MAYBERRY, R. Second language learning of sign languages. In: WOOL, B. (ed.). *Sign Language. Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2nd Edition. Oxford: Elsevier, 2006. p. 7433-746

MAYBERRY, R. I. When timing is everything: Age of first-language acquisition effects on second-language learning. *Applied Psycholinguistics*, v. 28, p. 537–549, 2007.

MARSCHARK, M; SARCHET, T; TRANI, A. Effects of Hearing Status and Sign Language Use on Working Memory. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, vol. 21, p. 148–155, 2016.

METZ, D. E.; CACCAMISE, F.; GUSTAFSON, M. S. Criterion Validity of the Language Background Questionnaire: a self-assessment instrument. *Journal of Communication Disorders*, vol. 30, p. 23-32, 1997.

PASSOS, R. Construindo Categorias Sonoras: o vozeamento de consoantes obstruintes em surdos profundos usuários de língua de sinais (LIBRAS). 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PASQUALI, L. *Psicometria: Teoria dos Testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PLAZA-PUST, C. Deaf education and bilingualism. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Eds.). *Sign Language: An International Handbook*. Berlin, Germany: De Gruyter Mouton, 2012. p.949-979

PLAZA-PUST, C. Language Development and Language Interaction in Sign Bilingual Language Acquisition. In: MARSCHARK, M.; TANG, G; KNOORS, H. (Eds.). *Bilingualism and Bilingual Deaf Education*. Oxford University Press, 2014. p.23-53.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. *Língua de Sinais: Instrumentos de Avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; CRUZ, C. R.; SOUSA, A. N. de. Mosaico da Linguagem das crianças bilíngues bimodais: estudos experimentais. *Rev. bras. linguist. apl.* [online]. Vol.16, n.1, pp.1-24, 2016.

ROGERS, K. D.; YOUNG, A.; LOVELL, K.; EVANS, C. The Challenges of Translating the Clinical Outcomes in Routine Evaluation–Outcome Measure (CORE-OM) Into British Sign Language. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, vol. 18, n.3, p.287-298, July 2013.

SILVA, G. M. Perfis Linguísticos de Surdos Bilíngues do Par Libras-Português. 2018. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, G. M. Perfis Linguísticos de Surdos Bilíngues: um estudo exploratório. *Revista Organon*, v. 32, n. 62, 2017.

SILVA, S. G. de L. da. *Compreensão Leitora em Segunda Língua de Surdos Sinalizantes da Língua de Sinais*: um estudo comparativo entre estudantes de uma educação em ambiente bilíngue e não bilíngue. 2016. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

TANG, G. Bimodal bilingualism: Factors yet to be explored. *Bilingualism: Language and Cognition*. vol. 19, n. 02, p. 259 – 260, March 2016.

TREFFERS-DALLER, J. Language dominance: the construct, its measurement and its operationalization. In: TREFFERS-DALLER, J.; SILVA CORVALAN, C. (Eds.). *Language dominance in bilinguals: Issues of measurement and operationalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p.235-265. Versão aceita para publicação disponível em: <http://centaur.reading.ac.uk/39020/>

TREFFERS-DALLER, J.; KORYBSKI, T. Using lexical diversity measures to operationalise language dominance in bilinguals. In: SILVA-CORVALAN, C.; TREFFERS-DALLER, J. (eds). *Language dominance in bilinguals: issues of measurement and operationalization*. Cambridge University Press, Cambridge, 2015. p. 106-133. Versão aceita para publicação disponível em: <http://centaur.reading.ac.uk/39019/>

WEI, L. Conceptual and Methodological Issues in Bilingualism and Multilingualism Research. In: BHATIA, T.; RITCHIE, W. (Eds.). *The Handbook of Bilingualism*. 2nd Edition. Malden, MA: Willey-Blackwell, 2013, p. 26-51.

WILSON, R.; DEWAELE, J. M. The use of web questionnaires in second language acquisition and bilingualism research. *Second Language Research*, v. 26, n. 1, p. 103-123, 2010.